

# ILUSTRACÃO

## PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal  
O SÉCULO



# NATAL 1915

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha:

Trimestre	1\$20	ctv
Semestre	2\$40	..
Ano	4\$80	..

Numero avulso. 10 centavos

II série — N.º 513

Lisboa, 20 de Dezembro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editores: JOSÉ JOAQUIM GRAÇA

**REMINGTON UMC**  
**MUNICÃO CALIBRE.22.**

Deseja Va. Sa. obter exactidão, fôgo certo, e penetração da sua munição de pequeno calibre assim como dos cartuchos para caça grossa.

Então devem exigir os cartuchos REMINGTON-UMC que veem na caixa com marca bolla Vermelha. Estes são os que dão esse resultado.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil  
**LEE & VILLELA**  
Caixa Postal 420, São Paulo, Caixa Postal 183, Rio de Janeiro  
No Territorio do Amazonas  
**OTTO KUHLEN**  
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3. Lisboa.



**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA  
**MADAME**

**Brouillard**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e flogia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre lo) - Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

**DORES DE COSTAS**

**PILULAS FOSTER PARA OS RINS**

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Co., Succes.,**  
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.

**HERNIADO HA 5 ANNOS**

Só em saber-se que existe a cura da hernia é uma grande fortuna. Alguma gente julga que só um medico com uma navalha e agulha poderá curar a hernia.

Porem a experiencia do sr. Antonio Luiz da Matta. Envidos, Praia Baixa, herniado, ha 5 anos aniquila por completo esta teoria. Ha em Londres um especialista que descobriu um maravilhoso methodo que além de reter qual quer classe de hernia, obriga os musculs a d e envolverem-se. O sr. Matta sabendo disto, immediatamente experimentou e os resultados obteve foram admiraveis. Apesar de herniado por 5 annos o sr. Matta começou immediatamente a tratar-se e conseguiu uma perfeita e radical cura num diminuto espaço de tempo. Hoje encontra-se completamente restabelecido sem o menor traço de hernia.



Sr. Antonio Luiz da Matta

O sr. Matta é um d'entre os milhares de curados por este maravilhoso methodo que é a descoberta do Dr. W. S. Rice um dos mais afamados especialistas do mundo. O dr. Rice acaba de fazer a edição de um livro illustrado sobre este assumpto e o qual será enviado gratuitamente a todos os que o requisitarem e que julgarem que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este methodo faz-se sem causar dor, perigo, operação ou necessidade de suspender o trabalho. É um methodo que vale bem a pena conhecer. Escrevam-lhe hoje mesmo pedindo o livro gratuito que expõe claramente o methodo da cura e que é de todo o valor para as pessoas herniadas e para os seus amigos com a mesma doença.

Endereço:—Dr. W. S. RICE (S 825), 8 & 9, Stonecutter Street, London, E. C., Inglaterra.

**SIRVA-SE NOTAR.**

Que não temos representantes ou agentes em parte alguma. Todo aquele que pretender ser nosso representante ou fornecer o Methodo de Rice ou qualquer parte do mesmo, excepto da nossa casa cujo endereço está indicado acima, é um engano.

**REMEDIO FRANCES**

**XAROPE FAMEL**

**CURA**  
INFALLIVELMENTE  
**BRONCHITES**  
Mesmo Chronicas

**TOSSES**  
**ASTHMA**

**FRASCO 1 ESCUDO**

Em todas as pharmacias ou no deposito geral  
**J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.**  
Franco de porte compranda 2 frascos.

**MOZAIICOS — AZULEJOS —**  
**CAL HYDRAULICA**  
**CIMENTO AGUIA ROCHEDO**  
**GOARMON & C.**

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2  
TELEFONE 124 LISBOA

**Perfumaria**  
**Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

N.º 513

20—12—915

### Natal!

O vento soluça na floresta. O sol, como uma patena de ferro em braza, rola n'um céu espesso de cinza. Desce a noite. A néve cáe. Gnomos risonhos, felpudos, espreitam por entre troncos azues de árvores mitológicas. Cantam pastores. Faúlhas d'oiro tremem no ar. Um sino chama. Dir-se-ia que as próprias montanhas a'oelham. E' noite de Natal. Ha dois mil anos, um grande filósofo nasceu.

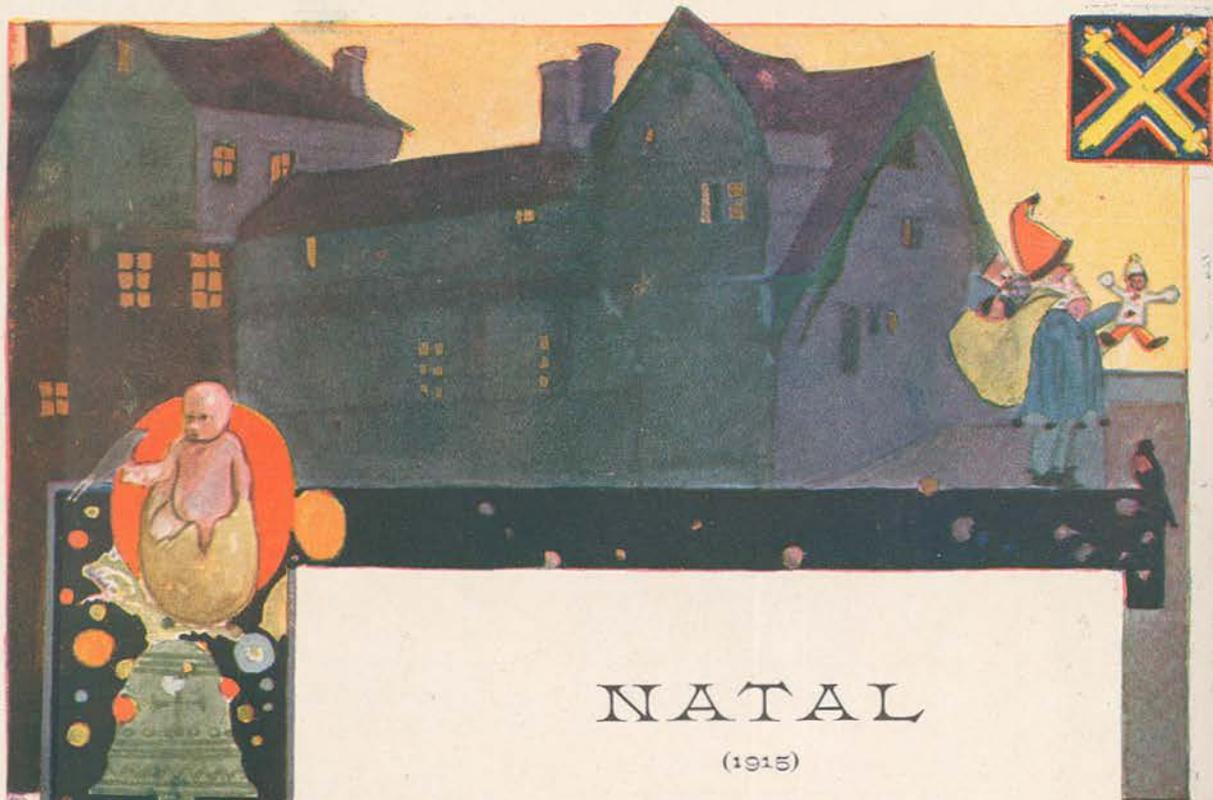
Os mitos sucedem-se. As religiões passam. Os deuses cáem. Uma só festa religiosa ficará, para além do próprio dogma católico, como uma flôr eterna: o Natal. Porque é a festa de um Deus? Não. Porque é a festa d'uma creança. E' a ternura das mães que a não deixará morrer. E' o culto supersticioso da infancia que a tornará perduravel. Por que n'ela sorri uma creança, o presépio será eterno. Por que tres Reis ajoelharam diante d'um berço, a Epiphania será imortal. Para o sentimento humano, o Natal ha-de ser sempre uma festa d'amor, — porque é a festa dos nossos filhos. Não glorifica um Deus; sorri para um Menino. Não exalta o Poder e a Força; entenece-se diante da Fraqueza e da Inocencia. Foi atravez do mistério da Natividade que a Arte cristã atingiu a creança. Os Jesu bambini, de Van Eyck a Rafael, de Memling a Tiepolo, loiros, risonhos, nús, rebolando e brincando, mamando e rindo, surriram em palhas de estábulo hebreu, em regaços de Virgem tranqüila, em coxins vermelhos de paço gótico, imagens infantis da Graça imortal e da Beleza eterna, estendendo as mãos pequeninas, como duas flôres, n'um resto instintivo de paz, para o imenso mar da maldade humana. Os presépios começaram a florir, ingénuos e pastoris, sob a mão carinhosa dos imaginários; a evocação da maternidade encheu os pórticos de todos os mosteiros, as rosáceas de todas as catedraes, as iluminuras de todos os Livros d'Horas; e o Natal, glorificação católica da infancia, resplandeceu a'ravez dos séculos, e resplandecerá, indefinidamente, de geração em geração, entre a ternura imortal de todos os artífias, o sorriso generoso de todos os sábios, as lágrimas sagradas de todas as mães. . .

### Na'al!

O vento uiva na floresta. A neve cáe. Cantam pastores. Gnomos risonhos espreitam entre troncos de árvores mitológicas. Um sino chama. Dir-se-ia que as montanhas a'oelham, que a natureza estremece. Ha dois mil anos, um grande filósofo nasceu.

Julio Dantas.

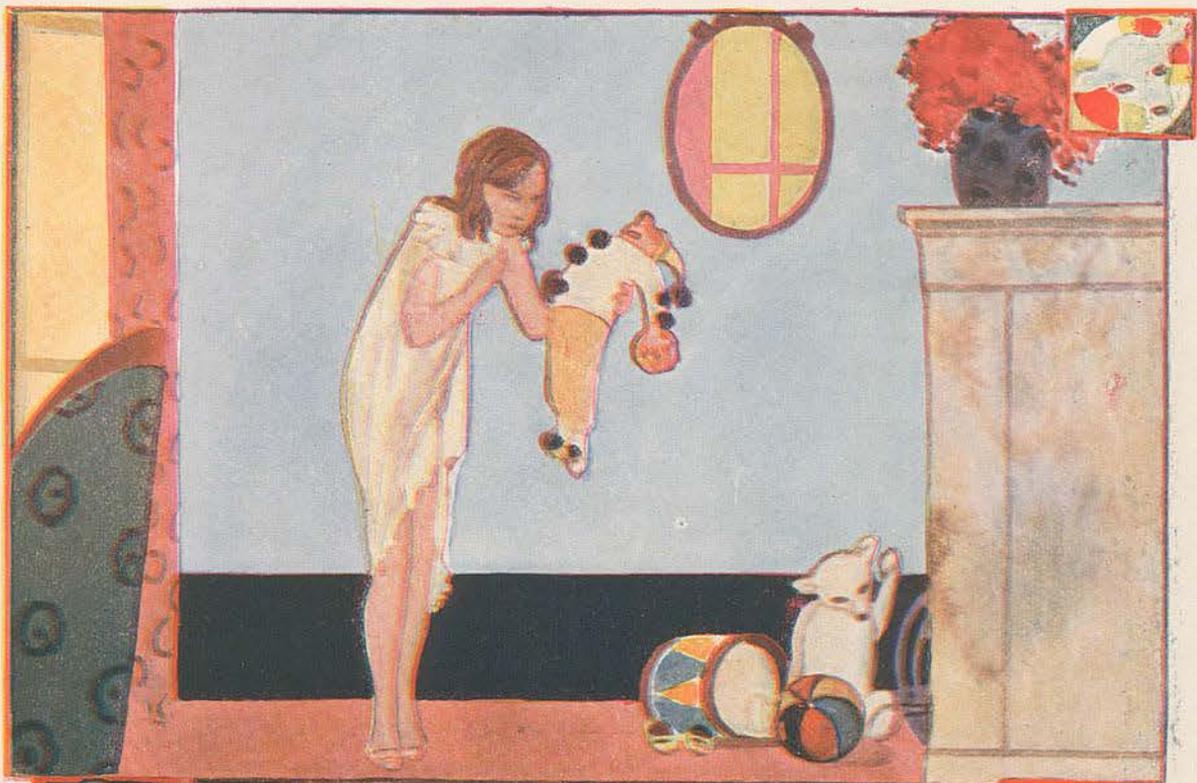
(Desenho de Rocha Vieira).



# NATAL

(1915)

Quando na Europa inteira, entre tantas nações  
Que se batem agora em furia de leões,  
Havia a Paz sublime, — o sagrado Respeito;  
Quando do semelhante a vida era um direito,  
E um sacrario o lar, rico ou pobre, o cristão  
Celebrava com fé, com santa devoção,  
O dia de Natal do palido Jesus,  
Que sofreu e morreu por nosso amor na Cruz.  
E no palacio então, ou na casa modesta,  
O mesmo ar solene e alegre d'uma festa  
Bafejava a familia, á tarde aconchegada,  
Na sala de jantar, risonha, engalanada,  
Onde os velhos avós de cabelos nevados,  
Tendo junto de si os filhos já casados,  
Amimavam *bebés*, seus netinhos queridos,  
Com palavras d'amôr e beijos comovidos.  
O resto da familia, esperando o jantar,  
Ia matando o tempo a rir e a conversar.  
E que louca alegria então a dos pequenos,  
Dos meigos cherubins, loirinhos ou morenos,  
Deante d'um pinheiro, altivo de beleza,  
Brinquedos ostentando em cima d'uma mesa!?...  
Mas quanta, quanta vez, um lindo pequenito  
Se zangava por fim, pedindo em choro aflito  
Um brinquedo, — um burrinho ou um polichinelo,  
Ou um globo de vidro azul ou amarelo,  
Que via lá em cima, em ramo verdejante  
Da arvor'de Natal tão alta, tão distante!?...  
— «D'ele tinha de ser aquilo que ali estava?...  
Porque seria então que a Avósinha não dava  
O brinquedo tão lindo e tão apetecido?!...»  
Lastimando-se assim, n'um choro dolorido,  
Comovia da avó o terno coração,  
Que pensava a sorrir: — «Mas ele tem razão!...»  
E, para não vêr mais o menino chorar,



Subia a uma cadeira e ia-lhe buscar,  
 Satisfeita, feliz, o que o neto queria ;  
 Enquanto o inocente a saltar d'alegria  
 Olhava o seu brinquedo, extasiado, louco,  
 E sem se lembrar já das lágrimas de ha pouco!...  
 Depois, vinha o jantar, — um banquete. afinal,  
 Que trazia consigo o bem estar geral.  
 — Acepipe ; manjares e pratos suculentos,  
 Fumegavam na mesa apenas por momentos,  
 Para, pouco depois, a outros dar lugar :  
 N'um *menu* colossal, capaz de provocar  
 Ou uma apoplexia, ou uma indigestão ;  
 Mas que tanto agradava a muito gulotão.  
 E, pela noite além, quem pensava em dormir?!  
 A familia, a jogar, passava a noite a rir!  
 As creancinhas mesmo, ali perto, a brincar,  
 Pediam para ir só mais tarde *nanar*.  
 E, quando a meia noite o relógio marcava,  
 Com santa devoção a familia resava  
 Ao Santo Nazareno, eleito do Senhor,  
 Uma *hosana*, uma prece, uma oração d'amor.  
 — N'um presepio em Belem, sobre palhas nascia,  
 A essa mesma hora, o Filho de Maria! —  
 Dia de consoada e dia de Natal!  
 Quem vos pôde esquecer, aqui, em Portugal,  
 Na Russia, lá além, na França ou na Inglaterra?!  
 Oh! dias d'esplendor, outróra, antes da Guerra!...  
 O operario até, na aldeia ou nas cidades,  
 E mesmo o lavrador na rudez das herdades,  
 Celebravam tambem, com fé e com fervor,  
 O austero Natal de Cristo, o Redentor!  
 — Os degraçados só, sómente os pobresinhos,

Sem enxérga e sem pão, descalços e rotinhos,  
 Roxos, a tiritar, sufocados de pranto,  
 Passavam tristemente este dia de encanto!  
 Mas já assim não é, agora, infelizmente!...  
 A dôr enluta o globo, enluta toda a gente!  
 Longe da Guerra, embora, a humanidade aflita,  
 Revoltada, febril, sente, chora a desdita  
 De tanto coração p'ra sempre esfacelado;  
 E deplora d'Heroes o sangue derramado!  
 Que Natal vae ser pois o de este ano, meu Deus?!...  
 Quanta Mãe, pranteando os mortos filhos seus,  
 Consoará sómente as lagrimas da Dôr?!...  
 Quanta Esposa chorando o Heroe, seu amôr,  
 Que a guerra lhe matou, consoará saudade,  
 Olhando alucinada os filhos na orfandade?!...  
 Natal hediondo e triste, horrível e funereo!  
 Quanto casal mudado, agora, em cemiterio?!...  
 E quando, desolado, o velho *Père Noël*  
 A França atravessar, dirá: — «Como é cruel  
 Cumprir minha missão este ano, oh! meu Jesus?!...  
 Procuo em vão um lar, tropeço n'uma cruz!...  
 Além, havia outrora altiva chaminé  
 D'um formoso palacio, onde um loiro *bébé*  
 A' noite pendurava um sapatinho seu

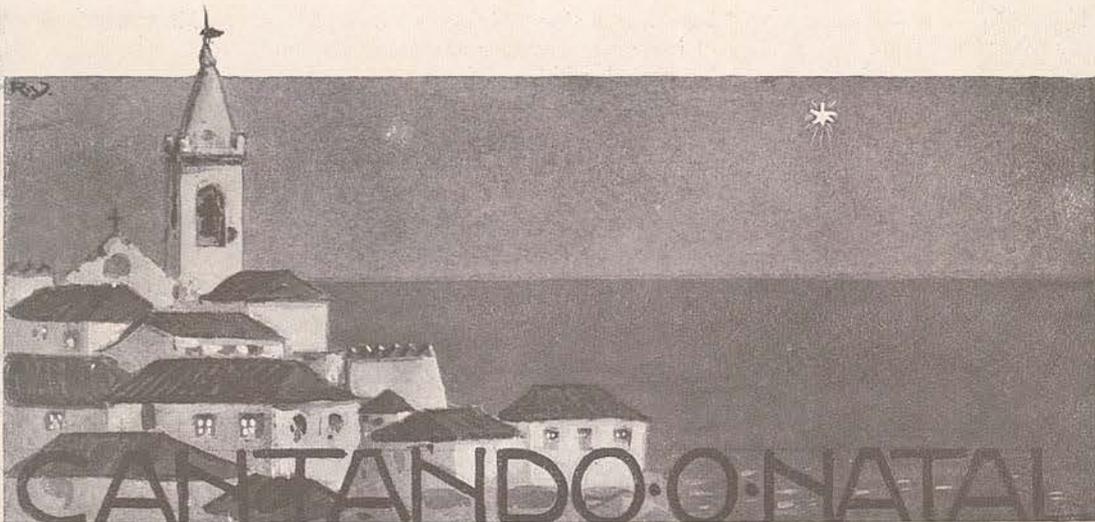


Para que eu lhe deixasse os brinquedos!... Morreu  
 O inocente, o pae, e sua mãe tambem!...  
 Na casa derruida, o silencio!... Ninguem!...  
 N'uma casinha branca, além n'aquela encosta,  
 Vivia uma familia alegre, e só composta  
 De marido, mulher e de quatro filhinhos.  
 Morreu na Guerra o pae, e os inocentinhos  
 Ficaram na orfandade e com a mãe apenas,  
 Que com eles consoa este ano:—tristes penas!...  
 Chego agora de lá, e venho comovido!  
 A viuva faz dó! A chorar o marido  
 A frescura perdeu; uma velha parece!  
 Estava ajoelhada em fervorosa prece  
 Junto dos filhos seus, no leito adormecidos,  
 Menos mimosos já, sem côr, emagrecidos!...  
 E assim, meu Jesus, ha centos, ha milhares  
 De arruinados casaes, dismantelados lares!...  
 Por essa França além, salpicada de cruces,  
 Achei as trevas só, onde houve outr'ora luzes  
 Festas, risos, jantar's e canticos d'amôr,  
 N'este dia sagrado e cheio d'esplendor!  
 E o bom *Père Noël* n'um gesto desolado,  
 Erguendo as mãos ao céu, em pranto sufocado,  
 Murmurará por fim olhando a escuridão:  
 —«E para quê, Senhor, tanto orfão sem pão,  
 Tanta mulher viuva, e mães em dôr atroz?!  
 P'ra que morreu Jesus entre os judeus por nós?!...»  
 E o velho *Noël*, fremente d'esperança,  
 De joelhos dirá: — «Bem dita seja a França!...»

*Esmeralda de Santiago.*

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).





**P**UCAS terras como os Açores são tão ciosamente aferradas ás suas tradições e aos seus costumes. Hoje, como ha seculos, as suas festas conservam

inalteravel o sabor tipico da sua origem. As religiosas, sobretudo, teem as suas características mitológicas e cristãs tão nitidas, que é um verdadeiro encanto estudal-as. O Espirito Santo, o S. Pedro, o Natal, o Ano Bom e os Reis encerram singulares belezas etnograficas; n'elas se reconhece bem como a desenvoltura pagã mal se contém ainda sob o recato ponderado do cristianismo.

A alegria chega a ter assomòs de uma nevrose aguda. Toca-se, canta-se, ri-se, baila-se com o delirio com que na Atica se celebravam as primeiras festas ruidosas, vindas da Tracia. Ninguém mesmo pôde conservar-se triste ao contacto d'essa febre de folia. Leva-se o pão com abundancia aos que teem fome, e consolo santo de palavras aos que teem pezares, n'uma confraternisação adoravel, de que os Açores teem o mais belo segredo. E' preciso que todos se mostrem contentes!

As festas do Natal começam pela matança dos porcos, como as do Espirito Santo pela dos bois. E' a fartura, simbolo da alegria. Em volta das vitimas ha canticos alegres e outras cousas rituaes como havia nos velhos sacrificios aos deuses. Até os bois levam as cabeças enfeitadas de verdura e flores, que lhes pendem em festões dos chifres. Os pobres nem precisam de pedir n'essas ocasiões; os ricos e remediados é que lhes levam a sua parte, tão devída, tão sagrada, como a da propria familia.

Só pedem, pelas ruas e por horas mortas da noite, a pretexto das boas festas, os gulosos, pequenos e grandes: uns com a mira nas «raivas», nos «esquecidos» e varias guloseimas mais; outros na saborosa linguiça e no excelente vinho para uma ceia em sociedade patusca, á meia-noite; havendo tambem não poucos, de mais polidas aspirações, que não levam sacola nem alcofa e esperam ser recebidos pelos donos das casas e amezendados deante de travessas fumegantes de petiscos e de copos reverberantes de Caravelos.

Que poesia estranha não respira essa animação das ruas na noite do Natal! Não ha vento nem chuva que a intimide e amorteça. A desafinação d'aqueles córos e o rouquejar d'aquelas violas e rabecas sofrem ainda peores tratos com os desvios da ventania e a refração de uma humidade espessa. Ha alguma coisa

de fantastico n'essa improvisada tempestade musical. Se não soubessemos que ela queria tra-





duzir alegria, tel-a-hiamos como vozes arripian-tes saídas de debaixo da terra.

Que deliciosa recordação a do Natal na minha ilha! Com que inveja eu espreitava através dos vidros embaciados o perpassar de magotes de rapazes, agrupados pela idade, levando lanternas, quando os archotes e as candeias não resistiam á chuva e ao vento! Que contentes que eles iam, senhores de uma liberdade que os orgulhava, cantar de porta em porta, pregar a sua partida no primeiro ensejo que se lhes deparasse, e, por fim, assistir á missa de galo que tambem os tentava mais pela brincadeira do que pela devoção!

Ao fundo da minha rua, já construída sobre a rocha, havia a casinha da tia Joaquina. Pobre velha! Se os desgostos matassem, ha muito que ela não era viva. O marido morrera-lhe na pesca da baleia; de dois filhos que andavam pela America nunca mais soubera. Ficara-lhe uma filha que a tuberculose lhe roubara havia dois anos; e só ela ainda ali estava, cansada de pedir e esperar a morte. E Deus não lh'a mandava! Nada tinha de seu, e ha muito que não saía de casa. Vivia de esmolas que lhe levavam mãos compadecidas.

Para o rapasio, ignorante do martirio d'aquela infeliz, a tia Joaquina tinha uma vida misteriosa de bruxa. Sempre que por ali passava de troça, batiu-lhe á porta e chamava-lhe nomes. Ela não respondia; sorvia em silencio os insultos com as lagrimas traventas do seu desespero.

N'uma noite de Natal, uns esturdios acercaram-se-lhe da casa e fizeram uma berraria infernal, intercortada de epitetos crueis. A velha que recordava, no meio de indizível angustia, os seus mortos

queridos deante da imagem da Senhora da Agonia, frouxamente alumiada por uma candeia, ergueu-se já sem paciencia, e, cheia da força moral que lhe dava a sua dôr, veio abrir a porta, defrontando com serenidade aquella saraivada de gritos.

— Que me quereis, meus filhos?... perguntou ela com uma tocante inflexão de voz, em que havia um mixto de ternura, de magua e de dignidade que se impunha.

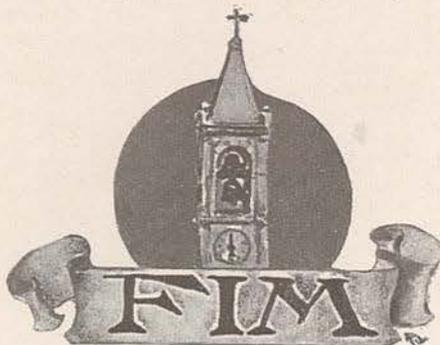
Alguns rapazes não a tinham visto ainda e outros não haviam reparado bem n'ela. Nunca imaginaram que a tia Joaquina tivesse uma fisionomia tão boa, tão nobre e tão santificada pela dor! Houve n'eles um movimento de respeitoso recuo deante de tão inesperada aparição. Descobriram-se todos; e um dos mais vivos e decididos, que é hoje um distinto oficial da nossa marinha mercante, saiu á frente com a sacola na mão:

— Tia Joaquina, disse ele com voz firme, o que nós queremos é repartir ccmsigo algumas das coisas que nos deram de boas festas. Faça favor de aceitar.

E, com trão nervosa, tirou da sacola dois pequenos embrulhos que lhe estendeu. A velha aceitou-os sem poder pronunciar palavra, de embargada que tinha a voz pela comoção. Só abundantes lagrimas lhe traduziam o bem que os rapazes acabavam de fazer á sua alma torturada.

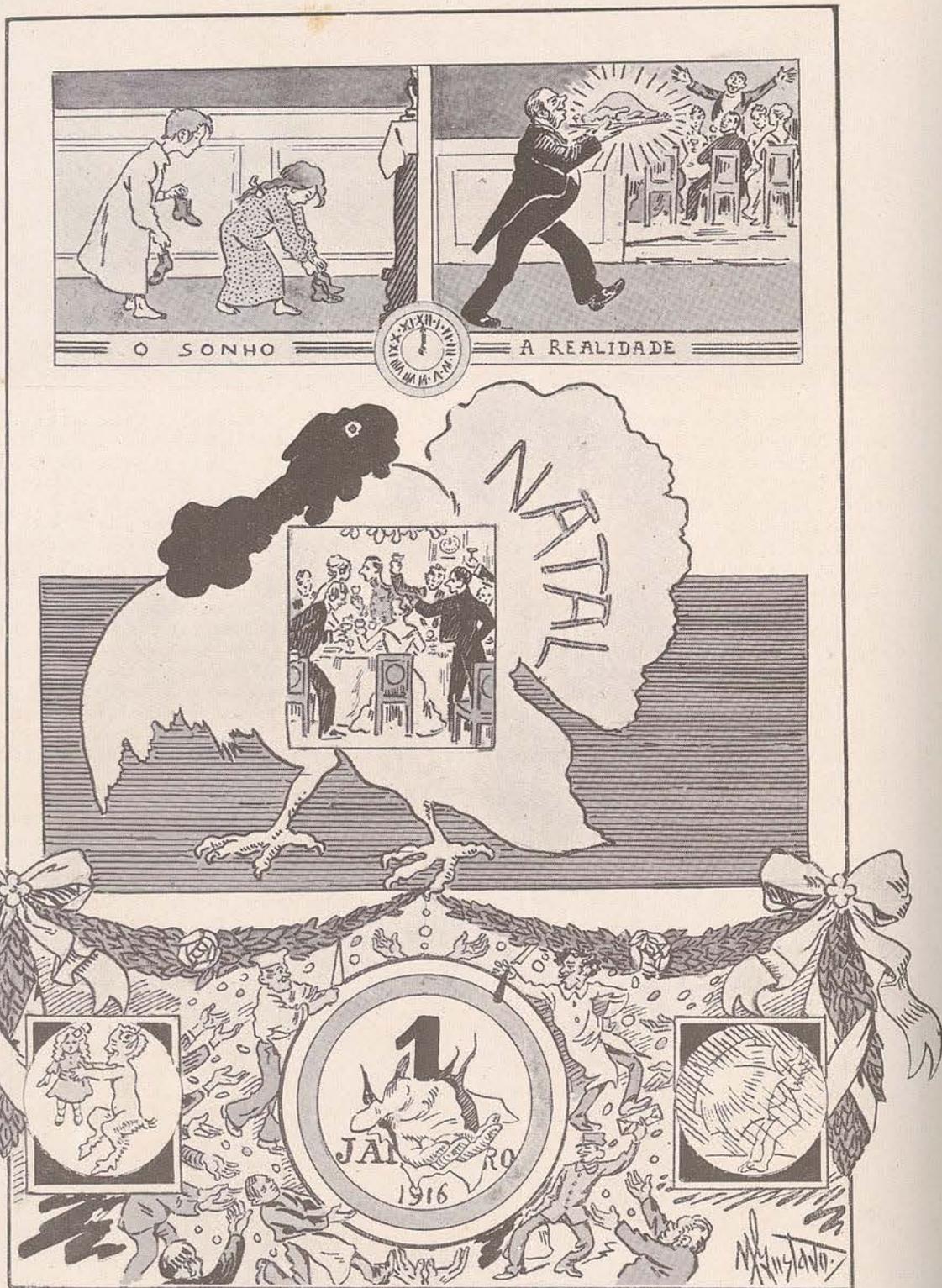
Estes não encontraram tambem nada que lhe dizer; nem as boas noites lhe deram. Retiraram-se silenciosos e cabisbaixos. Pareciam sombras a deslizar, sem o menor ruido pela calçada. Dir-se-hia que recebiam acordar os ecos recriminantes da berraria cruel que fizeram á porta da tia Joaquina.

FLOREANO.



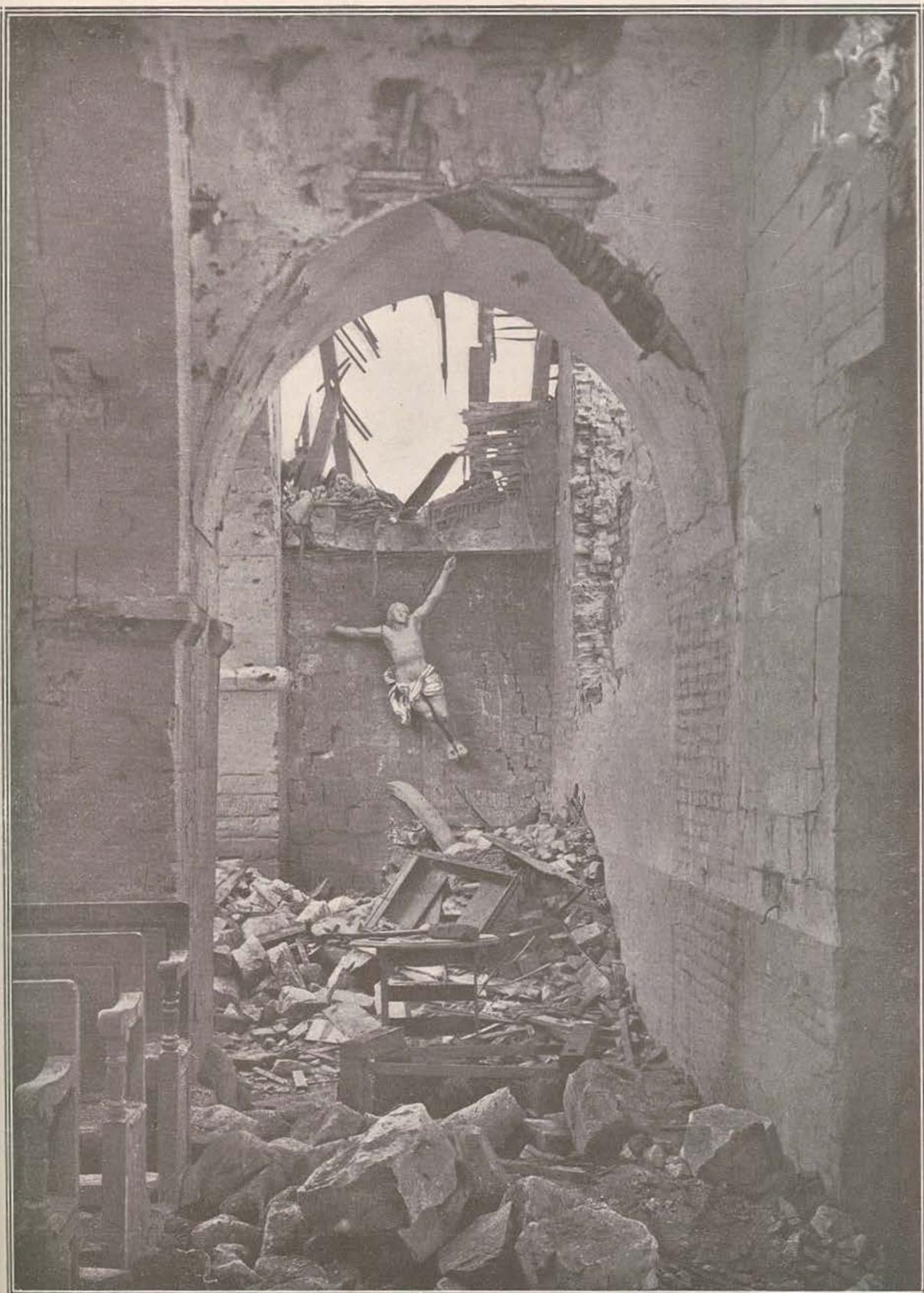
(Ilustrações de Rocha Vieira).

# O Natal e o Ano Bom



O que é o Natal? O sonho das crianças, o lausperéne dos gulosos, o suplicio dos perús, o inferno das gorjetas, o sorriso dos dentistas, a fortuna dos barbeiros. Imagem eterna: uns dão, outros recebem; uns riem, outros choram; uns comem, outros são comidos, — e sobre a ilusão luminosa de mais uma taça de Champagne passa a fatalidade inexorável de mais um ano de existencia.

# A OBRA DOS ALEMÃES



Como punge recordar n'estes dias, em que todos os corações se sentem elevados ao ideal do bem comum, os crimes de lesa-arte e de lesa religião praticados contra as igrejas pelas hordes do imperialismo germanico

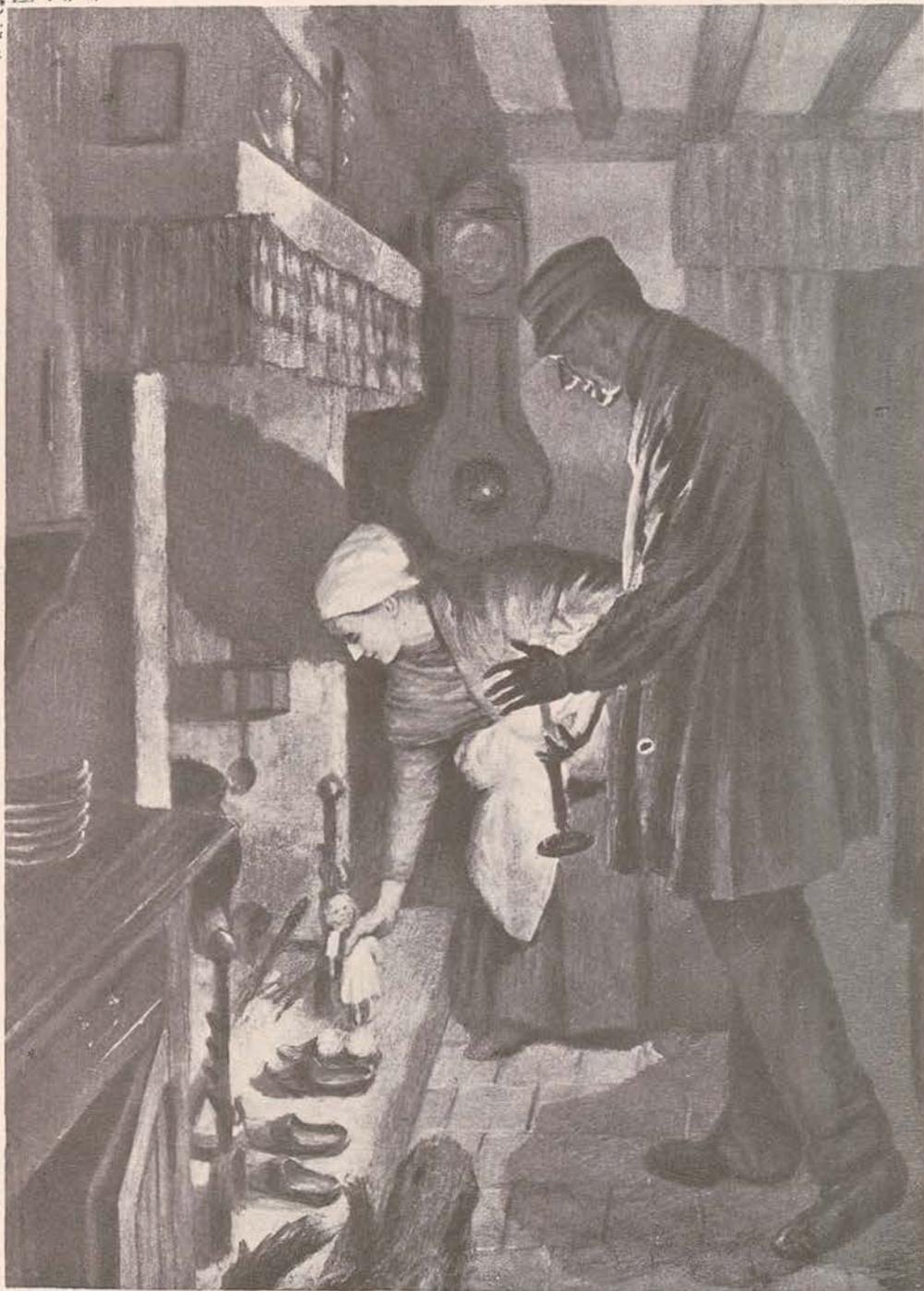
(«Cliché» da secção fotografica do exercito francez, cedido á «Ilustração Portuguesa»).



## O NATAL DOS ANIMAES

O nascimento de Cristo n'um presepio trouxe-o na tradição, através dos seculos, ternamente afeiçoado aos animaes e recebendo d'elles provas de maior meiguice e respeito do que de muitos homens. A principio figuraram de preferencia o jumen-

to e o boi; mas hoje já não ha animal que os artistas não representem rendido aos pés do Deus-menino. Esta composição de François Rupra é das mais curiosas e expressivas que conhecemos sobre o Natal dos animaes.



**O Natal em França.**—Como se enchem os tamancos nas casas dos camponeses

*(The Illustrated London News).*



# Natal de ontem Natal de hoje

condutor, o seu glu-glu nostálgico, anunciaram já com larga antecedência, como os antigos arautos, essa festa tradicional da família, festa de amor e de paz por excelência, secundados pelos pregões gritantes dos vendedores de *cautelos*, logo às primeiras horas das manhãs enovoadas florindo esperanças em trapeiras e quintos-andares humildes. Porque a essa festa de alegria, que é a festa do Natal, entre nós como entre os nossos vizinhos de fronteiras, uma grande rajada de esperança vem todos os anos juntar-se, e que não é por certo a sua nota menos comovedora, essa da lotaria que há bons quatro séculos os genovezes se lembraram inventar, muito embora com o honestíssimo intuito de deixar à sorte a designação dos cinco magistrados do seu Sereníssimo Colegio d'entre os cento e vinte candidatos que tal honra disputavam.

Assim era outr'ora, para grandes e pequenos, adultos e crianças, o velho papá Natal, aquele ancião da lenda, que viria à meia-noite, a hora misteriosa e sinistra em que as bruxas — precursoras da aviação — cavalgam cabos de vasoira por esse espaço além, a recompensar as nossas boas ações de todo o ano com um despejar de brinquedos, cada qual o mais bonito, o mais cheiroso de verniz fresco e mais difícil de escançar, para os pequeninos que ao jantar nunca repudiaram a sopa e deante de visitas não metiam os dedos no nariz; para os grandes

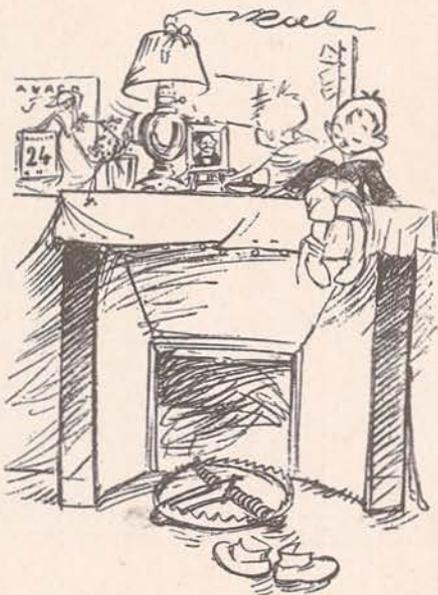
com todo um subitito borbulhar de dinheiro das esferas douradas da Misericórdia, onde uma vez cada ano com maior febre tantos olhos se cravam e tão poucas indescritíveis alegrias rodopiam ligeiras, sob a forma de pequeninas bolas como as do lôto caseiro, através de um tubo metálico para as mãos indiferentes dos pregoeiros...

Precisamente uma caricatura celebre de Poulbot, o estranho psicólogo das creanças, mostra-nos um rapazinho empoleirado n'uma chaminé junto da qual colocou os seus sapatinhos e uma formidável armadilha de caçar ratos, pretendendo assim verificar, como S. Tomé, pelos seus próprios olhos, se ao badalar vagaroso e plangente da meia-noite papá Natal virá, de grandes barbas alvejantes, um comprido casacão de stalactites de neve, às costas o cabaz dos brinquedos, n'uma das mãos a saca do ouro e na outra o bordão de caminheiro esgalhado de um pinheirinho manso que a neve também branqueou, depositar nos sapatos cambados a prenda cobiçada, cuja promessa ano em fóra tanta perrice fez cessar de subitito.

Este rapazinho que duvida da lenda encantadora é um símbolo do positivismo dos tempos que vão correndo. Porque os meninos de hoje nascem já homens, eivados de desprezo pelas tradições desde o primeiro cigarro que fumaram ainda nos braços da parteira, e sabendo já que dentro

das suas botas não cabem os brinquedos do Natal, condenando fatalmente a geometria que o conteúdo seja maior que o continente...

Quanto aos eternos desiludidos da *sorte grande* também para esses nunca o velho pa-



A armadilha

—Sempre quero vêr se não é uma intrugice!  
(Celebre caricatura de Poulbot).

pá Natal foi nem será o que são todos os velhos—bom e generoso, indulgente para a culpa, perdendo sempre o mal passado pela promessa falaz de um bem futuro.

O que resta pois? A festa da família. Por-



ra, moirejam pela vida em terras longinhas ou serenamente apodrecem no ventre grânico dos tumulos.

Quantas lembranças!...

Quantas saudades!...

O Natal tinha para mim encantos n'aquele tempo ido em que eu era menino e moço. Todo o santo dia rondava pela sala vendo minha mãe enfeitar com flores e brinquedos um pinheirinho novo, que a lavadeira trouxera de vespere entalado na grande trouxa da roupa, ou dispôr para a noite, sobre a brancura da toalha, muito fresca, muito la-

que desatar os laços sagrados que unem um lar não o conseguirá nunca o lapis irreverente dos caricaturistas ou a descrença do homem perante a inevitavel fuga das ilusões, dispersas como folhas mortas das arvores que o vento do Outono arrebatava sabe-se lá para onde, expulsas pela filosofia amarga dos livros e da vida.

Em volta da meza, enquanto a chuva tamborila nas vidraças, e o fogo crepita no fogão, reúnem-se todos, o avô á cabeceira, e ha um momento em que os olhos amarrados de lagrimas e os corações de saudade e tristeza evocam n'uma profunda e indizível comção os que, n'aquela hora de paz e ventu-



vada, com um bom cheiro a barrela, as compeiras de dôce e os pratos ingleses dos dias de festa. Depois da ceia, feita a reconciliação com um parente desavindo, a alegria dos jogos de prendas em que se davam beijos e abraços, e mais tarde a musica infernal das colheres rufando nas tampas das panelas e fundos de caçarolas, acompanhando as nossas

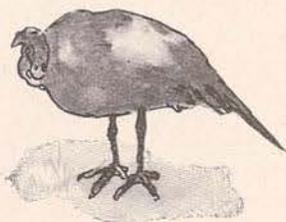


vozes finas de creanças que entoavam lóas ao Deus-Menino :

Lá na noite do Natal,  
Noite de grande alegria,  
Caminhava S. José  
E mais a Virgem Maria.  
Caminhavam p'ra Belem  
Para lá chegar de dia,  
Mas quando eles chegaram  
Já meia-noite seria...

e berrando com furia, quando a esportula para rebuçados era propositadamente negada no peditório final :

Esta casa cheira a breu  
Aqui mora algum judeu !



com uma variante, sempre a mesma :

Esta casa cheira a unto  
Aqui mora algum defunto !

Natal! Natal!

Só agora, tantos anos volvidos sobre essa idade feliz em que se acredita em bruxas e se ignora o amargo e irreverente senso crítico dos caricaturistas, a nostalgia d'esse tempo que tão depressa passou para não mais voltar me faz compreender toda a infinita tristeza



dos dizeres de Richepin, o cantor dos miséraveis e dos vagabundos, que n'esta hora longinqua da minha meninice evoco com aquele sabôr agro-dôce da saudade, ao mesmo tempo tortura e infinito prazer :

Heureux le cher enfant qui prie  
Pour son soulier au nœud bouffant,  
Afin que Jésus lui sourie !  
Aux gueux, le sort le leur défend.  
Leur soulier dur, crevé souvent,  
Dans quelle cendre satinée  
Le mettraient-ils, en y rêvant,  
Ceux qui n'ont pas de cheminée ?



(Ilustrações de Hipólito Collomb).

## O VELHO MUNDO EM GUERRA

E' o segundo natal que passa, encontrando o solo da Europa cada vez mais ensopado em sangue humano. E passará ainda outro em que se presencie este afrontoso espetáculo de carnificina, verdadeiramente medieval, indigno d'este seculo? Parece que sim, infelizmente!

Nos arsenaes, como nos estaleiros, continúa a mesma faina, noite e dia. Trabalha-se estupidamente e ao desafio, como se esta guerra nunca mais devesse acabar, e a questão balkanica está levando taes voltas que não será de admirar que dentro em pouco ainda se equilibrem mais os grupos colosaes de beligerantes. Então, mais difficil será calcular o termo d'esta pavorosa hecatombe; mais se estenderá o imperio da morte e da fome pelo solo amaldiçoado do velho mundo.

Quando escrevemos estas linhas, não se sabia ainda se n'estes dias consagrados á simpatica memoria do Nazareno, que só prégou paz e amor, os canhões vão emudecer e os homens deixar de se matar aos milhares por conta da ambição e loucura de dois ou tres. E' possível, porém, que aconteça o mesmo que o ano passado, dando-se o singular contraste de permu-tarem cumprimentos afetuosos,



*Em Flandres: — Uma sentinela ingleza recordando-se da sua familia, embeleza com flores a sua guarita no dia de Natal.—(Cliché Flaviens).*

de regressarem aos seus sentimentos humanos, de conviverem momentaneamente sob a mesma confraternisação de uma grande familia como é a humanidade, aqueles que ainda ha pouco se trucidavam como feras!

Nas trincheiras armam-se como em casa as arvores do Natal; esses homens endurecidos e requeimados na luta recebem presentes e aneiam pelas guloseimas da familia, como verdadeiras creanças; ouvem cheios de devoção a sua missa da meia-noite; tocam e cantam com a despreocupação de quem está no seu lar ao contacto santo da familia; o inimigo da trincheira d'alem vem oferecer vinho, tabaco, lembranças, ao inimigo das

trincheiras d'aquem, e reciprocamente; os adversarios irreconciliaveis de hontem tornam-se como irmãos de hoje! Para quê?

Para voltarem amanhã a odiar-se outra vez e a matar-se como feras!

Taes são os aspetos incoerentes que nos oferece a atual guerra! Talvez nunca se accentuasse de maneira tão frisante a luta medonha do sentimento do homem e do soldado, tendo de fazer calar os nobres impulsos da sua alma sob a garra inextinguível da disciplina.

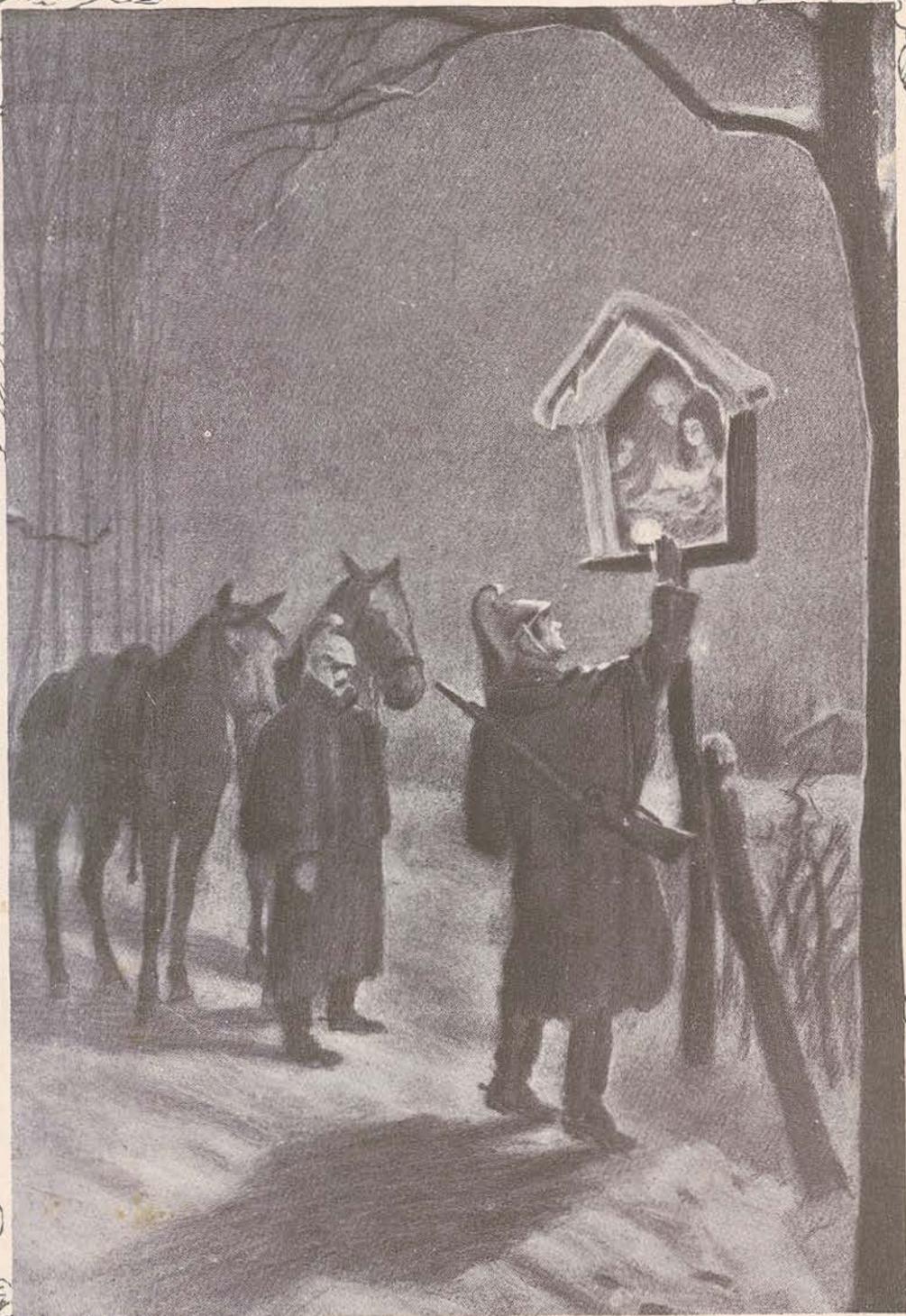


Os marinheiros tambem não esqueceram o festivo dia de Natal e solemnisam-o a bordo.

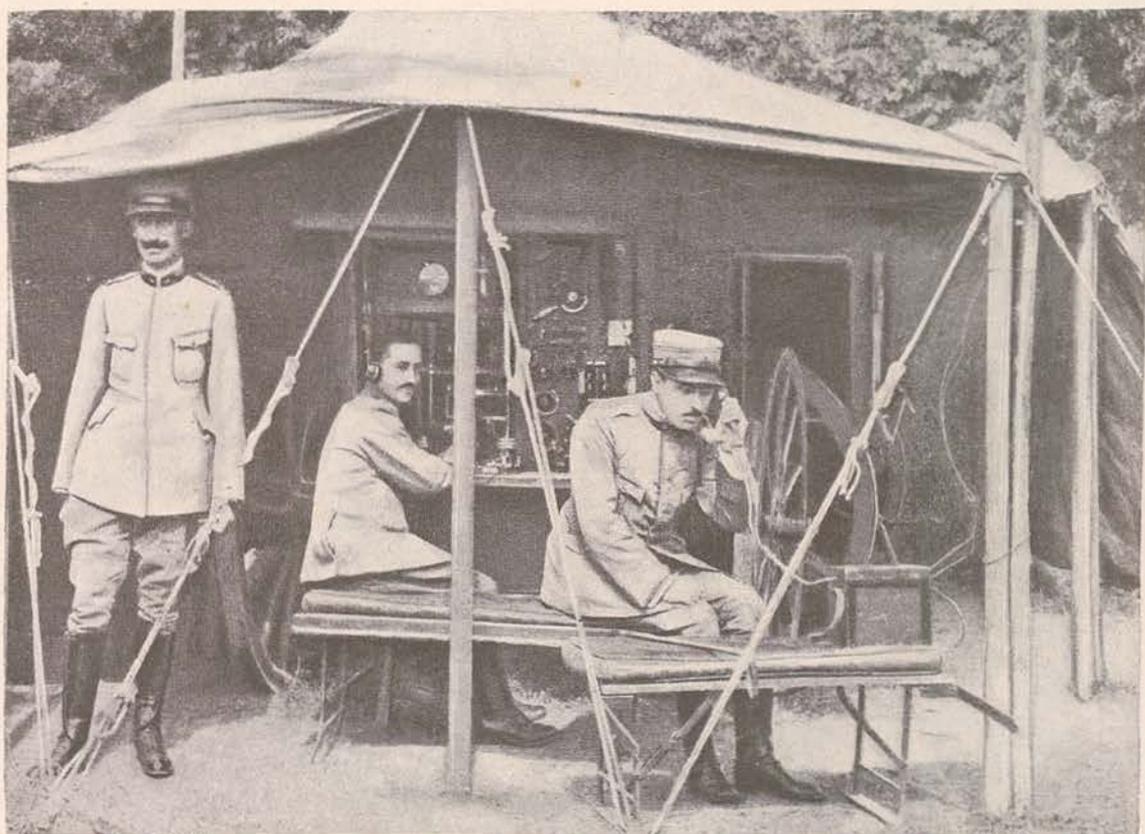
# O REPOUSO DO NATAL



MATCH AMIGAVEL ENTRE AS TRINGHEIRAS INIMIGAS: — Um soldado alemão colocando um tronco de madeira no topo de um tronco para servir de alvo e verificar-se de qual dos lados ha melhores atiradores



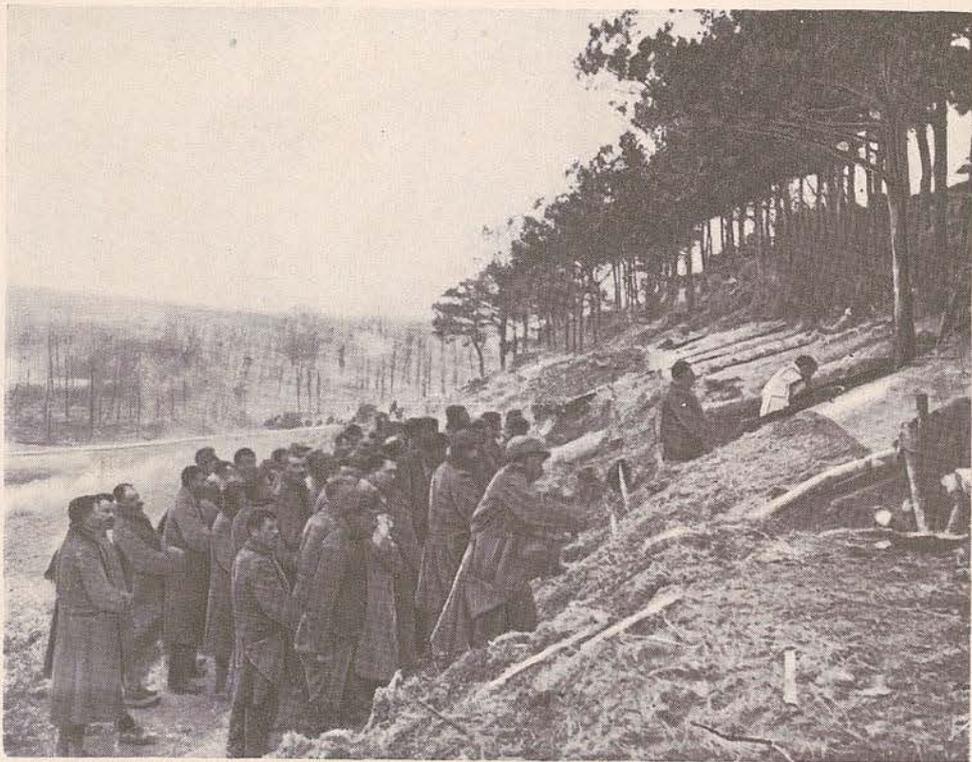
*Na Flandres.*—Uma patrulha de cavalaria franceza vendo com uma lampada electrica em uma estrada que percorre o nicho onde está um presepio com o nascimento de Cristo



*Na frente da batalha italiana.—Uma estação radio-telegrafica do campo*



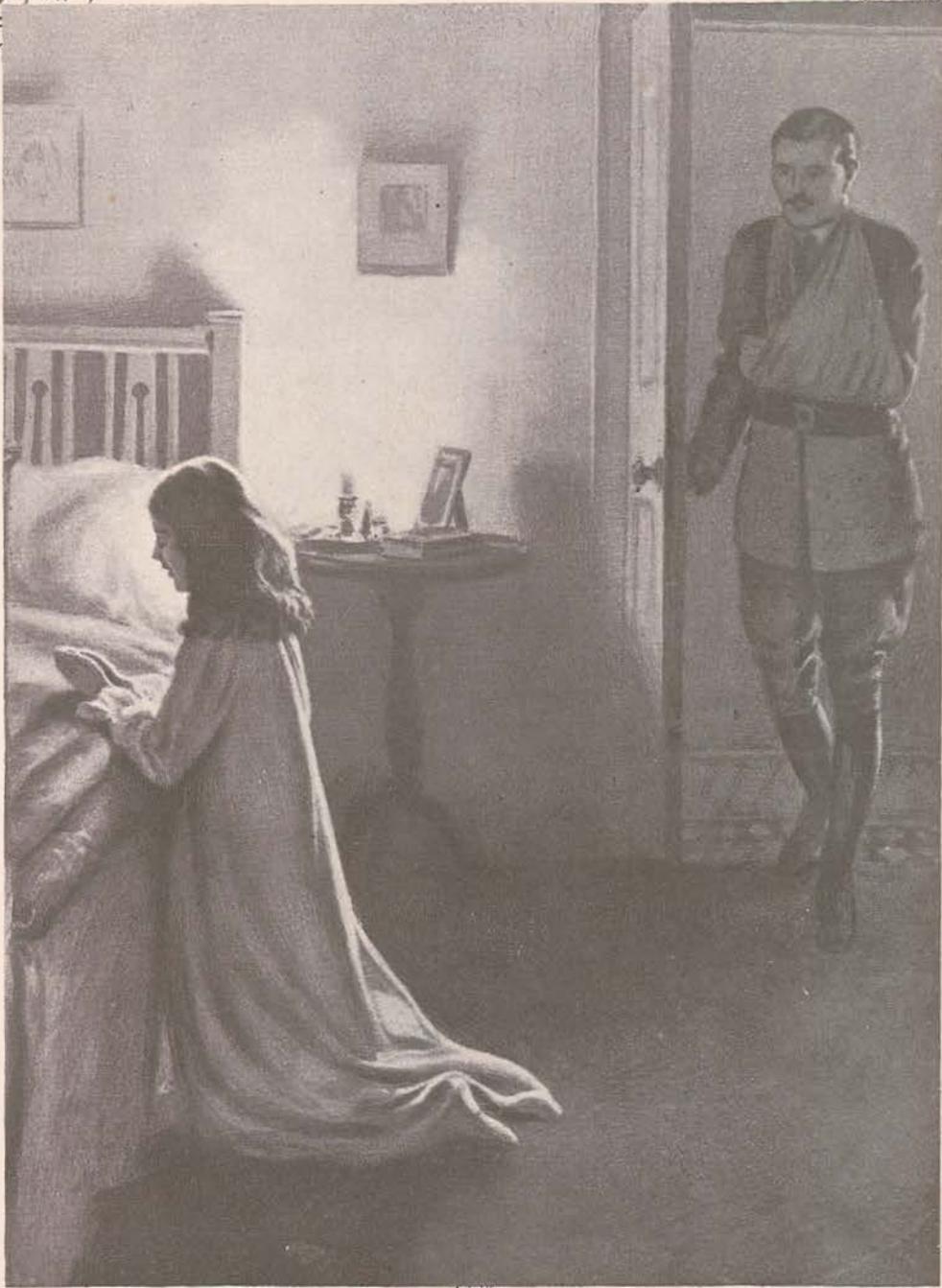
O celebre castelo de Gorizia, ha tanto tempo alvejado pela artilharia italiana



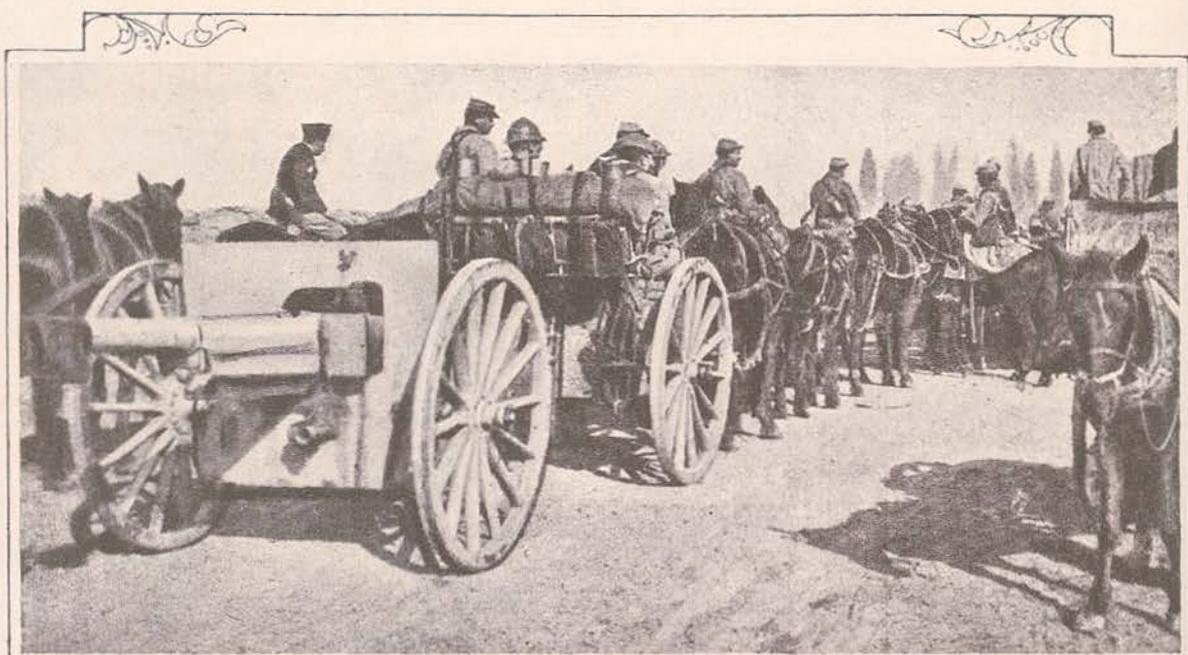
*Na Champagne* :—Proximo de Souain, uma companhia de infantaria assiste à missa, dita por um padre sargento, seu companheiro de armas.



*Em Artois (Souchez)* :— Nem os mortos teem a paz que merecem no silencio dos seus tumulos. O cemiterio é atravessado por uma trincheira e um Calvario que existia n'um dos seus altos foi atingido e destruido pelos inimigos. (Clichés Branger).



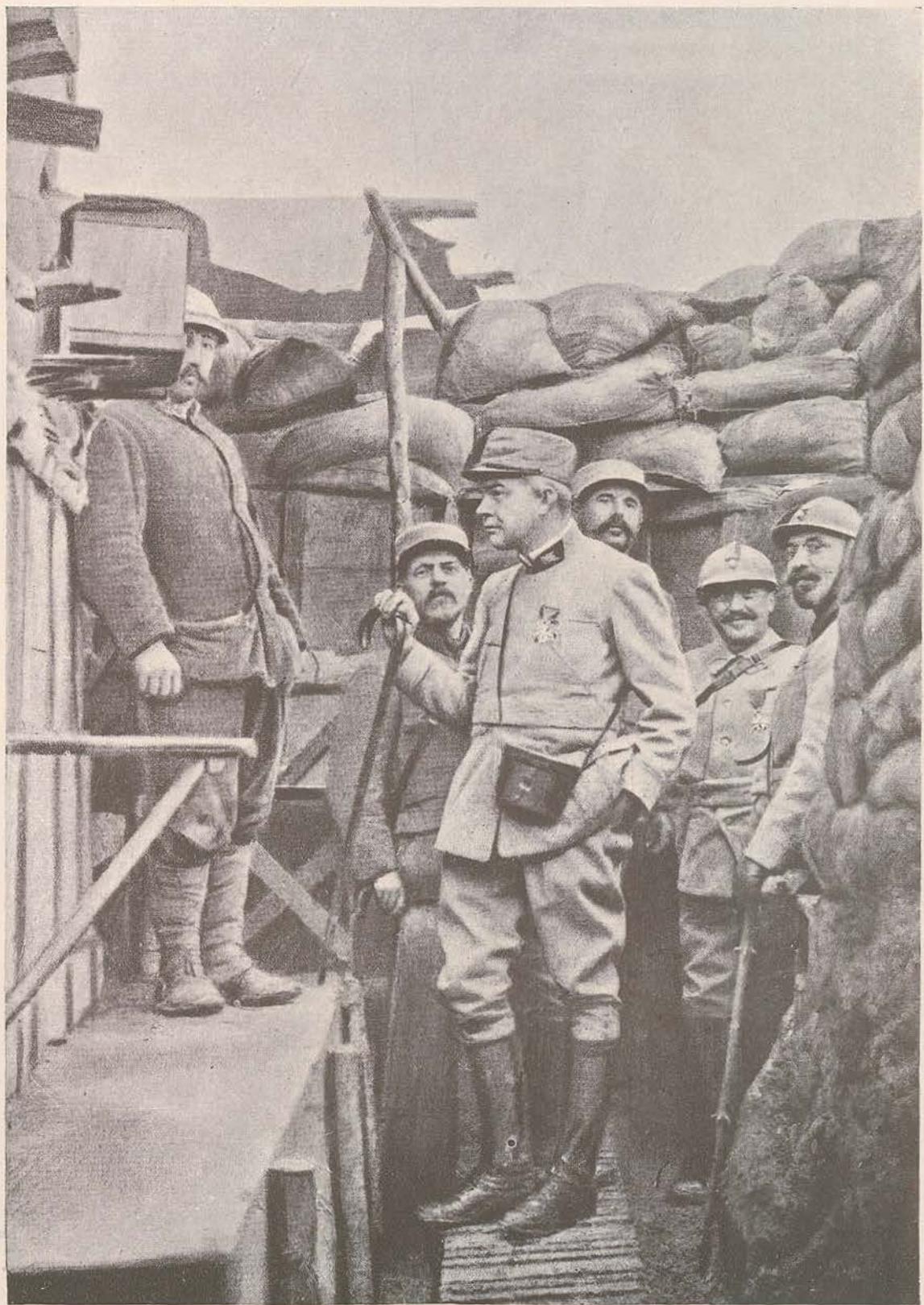
Resando por um pae estremecido, ferido em combate



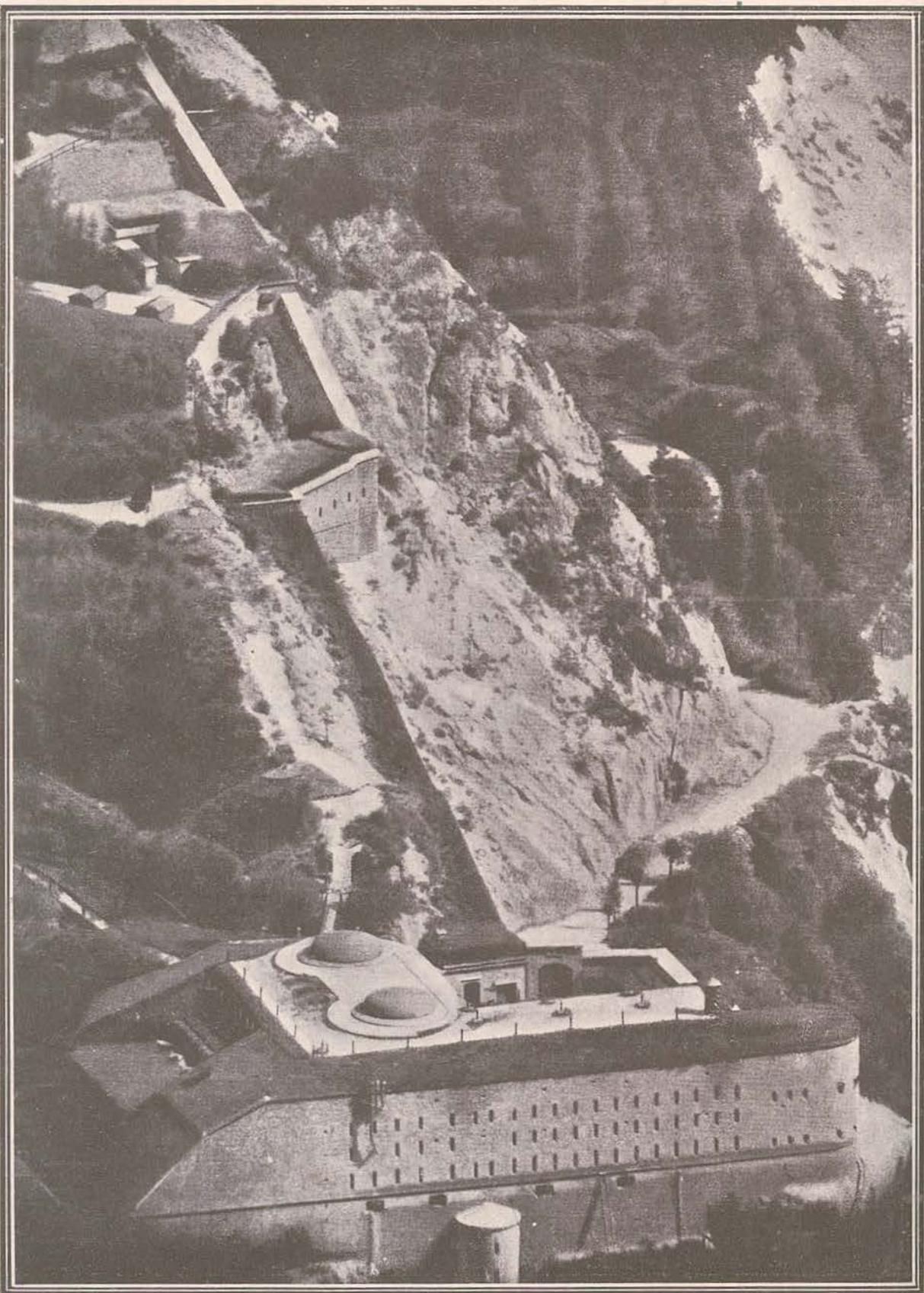
Artilharia franceza desembarcada em Salonica e dirigindo-se para o caminho de ferro servio



Metralhadoras francezas atravessando as trincheiras alemãs da primeira linha que haviam sido tomadas pelos colonias  
 (Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos à Ilustração Portuguesa).



A 60 metros das trincheiras alemãs, encontra-se nas francezas o famoso desenhador alsaciano Hansi, condecorado com a cruz da Legião de Honra e a quem o tribunal de Leipzig havia condenado a um ano de prisão por ofensas ao povo germanico.



Telefotografia da torre couraçada do porto de Heussej, antes do bombardeamento. O porto de Heussel fica na região de Malborghetto e foi bombardeado pelos italianos com tão extraordinário sucesso que ficou para sempre desfeita a lenda da sua inexpugnabilidade



APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

POR

**JORGE AFONSO**

Escola portuguesa - Século XVI

(Existente no Museu Regional de Viseu).

Por ali, a nossos pés, foi o campo da Vitória: vitória de há um ano, e já hoje timbrada de legenda — auroo. signo de toda a epopeia. São leiras fundas de inscrição, em mármore aparelhado, que nos recordam, comovidos, a ordem celebre *une troupe qui ne peut plus avancer devra se faire tuer sur place*: o sublime anonimato dos tres-mil que, meramente obedecendo, resistiram com efeito, em Marville, a toda uma divisão imperial; o exercito de Paris, reunido a urgencia pelo governador da cidade, enviado em reforço por automóveis de praça e, como os elefantes da Salambô, lançando de subito o panico e o Milagre, vendo-se então, pela altura, os aeroplanos revoando a descobrir o intervalo entre os dois exercitos germanicos, naípe decisivo da vitória. Sob a mesma comoção evocamos o pobre e velho piano abandonado que uma noite surgiu em pleno campo de luta; a guarda do Kaiser, em confusão infernal, abismando-se pouco a pouco, uivo a uivo, nos pantanos de S. Gond, levando dias a sumir-se; tanta bandeira tomada, tanto eco de clarim, tanto si' encio morto... Paris salvo! — no recuo desordenado do Grande Ogre, até ao desaparecimento teatral, sob as trincheiras, das malditas Legiões dos capacetes ponteados...

Hontem, apenas o combate, a vitória, o pasmo; mas já hoje, subtilmente, a memoria do triunfo, erguida a ouro e sangue, a cristal e Asas: monumento da lendaria heroicidade digno do altar de Patria!

Hontem a batalha... hoje o aniversario! Como se volveu um ano! Silencio á luz do crepusculo... A terra não treme n'este outono; dorme, dorme aconchegando os corpos que sobre ela tombaram exangues... E entre as flores, que nasceram depois da batalha, levantam se as cruces, afigurando-se o conjunto a uma aldeia de campas gentis, pequeninas, que não fazem medo ás creanças, cemiterio embandeirado e coberto de grinaldas, porque a romaria das viuvas, das noivas e das mães trouxe agora, com as lagrimas, os presentes de anos aos seus mortos. Violetas precoces, trouxe esta irmã: li azes, a noiva linda que tem Paris nos seus crepes; rosas brancas de luxo, aquela amante de teatro...

Meu Deus, tanto carinho perdido! Que vontade de chorar... mais funda, mais desolada ainda, porque essas maguas todas, essas dôres de Ausencia, o tempo — sem remedio — um dia ha de apagar... Tu, minha noiva gentil, que não esqueceste uns laivos de carmin em tua boca parisiense, mesmo por este aniversario, tens vinte anos e hasde ainda sorrir; saberás enlaçar o companheiro proximo da tua existencia, apesar das lagrimas de hoje e de toda a saudade na recordação pungente do ultimo beijo do outro, antes de partir... E tu, minha irmã, irás tambem na vida, como tu, minha amante de teatro, has de te dar de novo pelo coração...

Para quê, para quê, tanto luto, tanto tormento, tanto sacrificio?... «Ai!, se ao menos estas dôres fossem eternas!» N'esse caso, sim, talvez valesse a pena sofrer-as... E é exatamente pela sua efemeridade que as acho mais cruéis, que sinto melhor minhas lagrimas...

... Emtanto, ali, no peito d'aquela creatura desolada, a amargura talvez se albergu: para sempre; talvez que até á morte os soluços ainda rompam do peito d'essa velha mãe que se esqueceu de tudo — das proprias flores que deixou cair a seu lado, em vez de juncar com elas a sepultura do filho — e se estiraçou, louca de dôr, alheada de tudo, na sua desgraça, sobre a terra humida... Mais longe, essa pobre viuva, que se diria uma avó, sustentando nos braços dois filhos pequenos... Já eram tamanhas as ralações, tão duro o trabalho que, antes dos anos lhe embranqueceu o cabelo, lhe enrugou as faces... Mas ainda tinha o seu homem, o seu querido homem. Lá isso pão com fartura, sempre, em sua casa havia! Hoje... Hoje — eis tudo — ha que trababalar por dois por que tem de haver o mesmo pão na sua casa coberta de luto.

Enrosca-se-me um calafrio pela espinha: o

signal sagrado das grandes emoções; compreendo a vida; tenho, como nunca tive, a noção do *dever!* Os olhos enevoam-se-me... mas puxo pelo braço do meu companheiro, e sei apenas murmurar:

— Que belo!...

Eramos dois Artistas, essa tarde de outono, perto de Meaux, em pleno campo da Vitória...

Paris — Outubro de 1915.



Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—Uma pobre viuva



Sobre a sepultura dos mortos do Marne:—Uma noiva parisiense



**Pastando.**—Na quinta do Palheiro Ferreiro, no Funchal, esplêndida propriedade do sr. Blandy

(Cliché Benoliel).



O tenente sr. Julio Abranches, que fôlheu desastrosamente em Malange, onde se era ajudante do atual governador de Angola. Rapaz inteligente e insinuante, era querido de todos que o conheciam, sendo a sua morte muito sentida.

O vice almirante sr. José M. Teixeira Guimarães, falecido em Lisboa. Comandou varios navios de guerra, foi vogal da junta consultiva do ultramar, director geral das colonias, ministro general da armada e ministro das colonias.

A sr.ª D. Cecilia Leixoto dos Santos, falecida em Leiria, filha de sr.ª D. Acelina Leireira dos Santos, proprietaria do hotel Liz e cunhada do sr. dr. Paulino da Costa Santos, advogado n'aquella comarca. A sua morte foi muito sentida.

O sr. Carlos Vitor Sasetti, amigo capitalista e proprietario do extinto hotel Praganza, hotel onde por vezes se hospedaram os visitantes mais illustres que vieram a Lisboa. Faleceu n'esta cidade, onde a sua morte foi muito sentida.

O sr. Manuel José Marques, empregado nos caminhos de ferro portuguezes, falecido em Lisboa. Era irmão do nosso distinto collaborador artistico, o sr. Carlos Vasques, fotograf e proprietario da fotografia do largo da Abegoria.

**Ator Telmo.**—Faleceu ha dias o ator Telmo Larcher, depois de alguns mezes de um padecimento horrivel. Ator desde muito novo, tornou-se, pelo seu talento e qualid. des pessoas, mercedor da estima do publico, que lhe tributava uma afeição verdadeiramente carinhosa.

Telmo percorreu quasi todos o theatros de Portugal e Brazil, representou tambem em alguns de Hespanha, mas o seu teatro querido, aquelle onde por assim dizer deu os seus primeiros passos na arte em que tanto se distinguuiu, foi o Ginasio, de onde esteve afastado apenas uma epoca por desinteligencias com o empresario, já falecido tambem.



Ator Telmo Larcher

Os novos empresarios do Ginasio, os sympathicos artistas Mendonça de Carvalho e Maria Matos, concededores do grande amor que Telmo tinha pela casa onde desde a sua infancia trabalhava, chamaram-n'o, apesar de já muito doente, para a sua companhia, no que deram ao pobre ator a maior das alegrias a que ele aspirava. Mas nunca mais pôde trabalhar! E os seus empresarios e amigos pagaram-lhe sempre o ordenado e na hora final ocorreram tambem ás despesas do seu fueral.

Pobre Telmo que, tendo ganho tanto dinheiro, não deixou sequer para pagar o coval onde havia de descansar o sono eterno!...

**Grupo Beneficente.**—A simpatica instituição intitulada Grupo Beneficente da Freguezia da Sé e Protecção á Infancia, de Lisboa, ao inaugurar a nova bandeira no dia do seu 15.º aniversario, distribuiu pelos pobres 50 escudos e forneceu vinte e cinco vestuarios a igual numero de creanças.

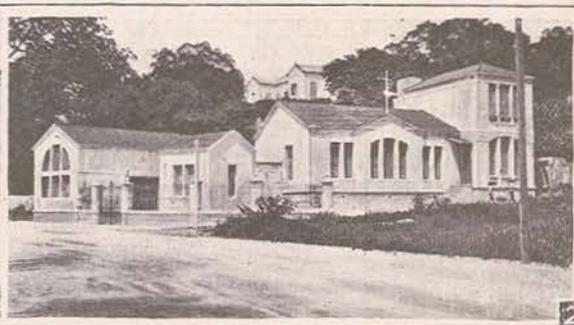


A sr.ª D. Madalena Quintanilha de Magalhães no meio dos seus crisantemos



Sociedade Beneficente da freguezia da Sé, de Lisboa (Cliché do fotografo amator sr. Manuel Gualdino)

**Nos Açores.**—Em Angra do Heroismo realisou-se uma exposição de flores a que concorreu a distinta floricultora sr.ª D. Madalena Quintanilha de Magalhães com uma lindissima coleção de crisantemos que, pela sua magnificencia, obtiveram o primeiro premio, sendo por isso a gentilissima senhora muito felicitada.



**Macau.** — O novo cinematografo «Vitoria», na Avenida Almeida Ribeiro. Tem logares para 1:200 espectadores

**Macau.** — Esta nossa possessão não tem nos últimos tempos progredido bastante, devido não só aos esforços das respectivas autoridades, mas também dos particulares que ali habitam.

Mas é de justiça destacar o



Outra estação de segurança publica na Avenida Horta e Costa, tambem para policia e incendios

**Macau.** — Estação de segurança publica na Avenida da Republica, onde está instalada a policia e serviço de incendios

nome do conductor de obras publicas, sr. Miguel Maria Wager Russell, de quem são muitos projetos de edificações já feitas e tambem dos edificios que reproduzimos, todos de alvenaria, cantaria, ferro e beton armado.



Ator Mendonça de Carvalho

**La donna è mobile** — No teatro do Ginasio tem causado extraordinario sucesso a comedia americana *La donna*



Atriz Maria Matos *è mobile*, que o sr. João Soler arranhou para portuguez da adaptação hespanhola e a em preza poz em cena com grande brilhantismo.



6. Uma cena do segundo ato da peça *La donna è mobile*, representada com sucesso no Ginasio  
7. Cena mimica da atriz Celeste Loução no segundo ato  
8. Final do terceiro ato  
Cenário do talentoso cenografo sr. Mergulhão

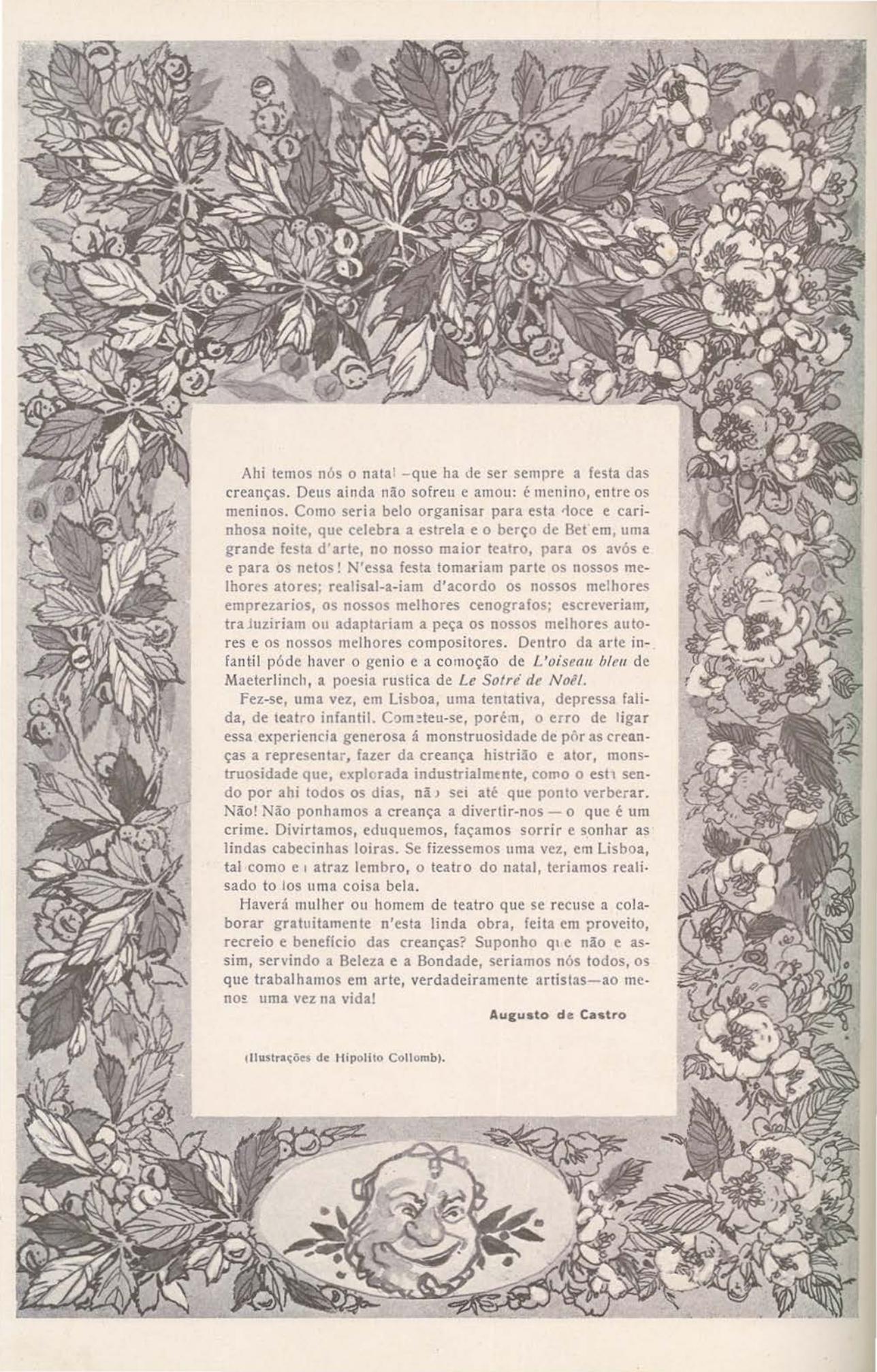
# O teatro:do:Matal

**S**e ainda, em parte alguma do mundo, apesar das grandes tentativas francezas de Belleville, Clichy e Bussang e das experiencias alemãs do «Volkstheater», de Viena, do «Schiller Theater», de Berlim; apesar das excelentes e vastas representações de Nimes, de Béziers, d'Orange, Nancy, Lille; dos ensaios suissos e bretões; da obra de Pottecher e René Morax, dos trabalhos de Morel, Sante-Croix e Couyba, ainda não está resolvido o problema do povo e do teatro, muito menos o está o problema do teatro e da creança.

E, no emtanto, eu não conheço aspeto mais do que este belo, interessante e vivo, n'essa magna questão da arte e da educação infantil. No dia em que a Humanidade tiver definitivamente a consciencia da graça, da beleza, da sinceridade da vida; no dia em que a arte fôr, entre os homens, a clara, doce, luminosa flôr da Simplicidade e da Harmonia — n'essa hora de nobre e espiritual solidariedade, ter-se-ha já creado, por certo, como uma das mais perfeitas expressões da imaginação afectiva, o Teatro da Creança.

O teatro é, de facto, pelas suas visualidades, pela sua mobilidade, pela sua forte influencia sobre a imaginação, o cosmorama admiravel da Creança. Unir a impressão animatografica ao espetaculo da pantomima, ligar a magica á comedia, a visão e a perspectiva á musica, ao baile, á palavra; dar ao cerebro infantil o panorama e, simultaneamente, o exemplo e a ação; interessal-o, atravez das imagens, da mimica e da linguagem, na vida, na bondade, no heroismo e no amor; dar tudo isto em pequenas fabulas e em pequenas feerias de Grimm ou de Perrault — e o teatro da creança está encontrado.





Ahi temos nós o natal — que ha de ser sempre a festa das creanças. Deus ainda não sofreu e amou: é menino, entre os meninos. Como seria belo organizar para esta doce e carinhosa noite, que celebra a estrela e o berço de Bet' em, uma grande festa d'arte, no nosso maior teatro, para os avós e para os netos! N'essa festa tomariam parte os nossos melhores actores; realisa-a-iam d'acordo os nossos melhores emprezarios, os nossos melhores cenografos; escreveriam, tra luziriam ou adaptariam a peça os nossos melhores autores e os nossos melhores compositores. Dentro da arte infantil pôde haver o genio e a comoção de *L'oiseau bleu* de Maeterlinch, a poesia rustica de *Le Sotré de Noël*.

Fez-se, uma vez, em Lisboa, uma tentativa, depressa falida, de teatro infantil. Cometeu-se, porém, o erro de ligar essa experiencia generosa á monstruosidade de pôr as creanças a representar, fazer da creança histrião e ator, monstruosidade que, explorada industrialmente, como o esti sendo por ahi todos os dias, não sei até que ponto verberar. Não! Não ponhamos a creança a divertir-nos — o que é um crime. Divirtamos, eduquemos, façamos sorrir e sonhar as lindas cabecinhas loiras. Se fizéssemos uma vez, em Lisboa, tal como e: atraz lembro, o teatro do natal, teriamos realiado to los uma coisa bela.

Haverá mulher ou homem de teatro que se recuse a colaborar gratuitamente n'esta linda obra, feita em proveito, recreio e beneficio das creanças? Suponho que não e assim, servindo a Beleza e a Bondade, seriamos nós todos, os que trabalhamos em arte, verdadeiramente artistas—ao menos uma vez na vida!

Augusto de Castro

(Ilustrações de Hipólito Collomb).

**CIGARROS  
DE ABYSSINIA**

**EXIBARD**

*Sem Opio nem Morphina.*

Muito efficazes contra a

**ASTHMA**

**Catarrho — Oppressão**  
e todas affecções espasmódicas  
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
8, Rue Dombasle, C<sup>o</sup>  
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

**COMPANHIA DO PAPEL  
DO PRADO** *Socied. anonima  
respons. limitada:*

Acções .....	360.000\$00
Obrigações .....	323.000\$00
Fundos de reserva e amorti- ção .....	266.000\$00
Réis .....	330.310\$00

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrerinho (Tomar), Peneço e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

**ESCRITORIOS E DEPOSITOS:**

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto  
**Companhia Prado.** Numero telefonico: Lis-  
boa, 605—Porto, 117.

Lêr na quinta-feira proxima o

**Seculo Comico**

*Preço 1 centavo*

FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS

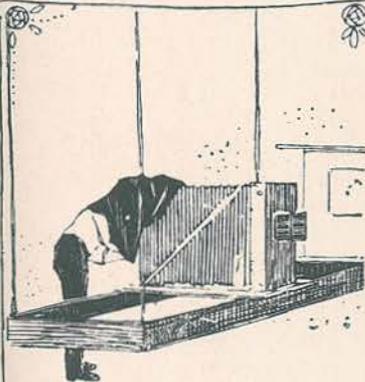
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre—PARIS**

TELEFONE: Gutenberg 42-09      ASCENSOR



**SELLOS DE CORREIO**  
CATALOGO GRATIS E FRANCO  
*Remettam-se Folhas para escolher*  
**POULAIN FRÈRES**  
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS



Trabalhos de Zincogravura,  
Fotogravura, Stereotipia, Im-  
pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

— DA —



**Ilustração Portuguesa**

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes aos preços modicos e com inexcédivel perfeição.

Zincogravura e Fotogravura em zinhos simples de 1.<sup>a</sup> qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos

Stereotipia de toda a especie de composição. Im-  
pressão e composição de todo o genero de revistas,  
catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da  
noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

**RUA DO SÉCULO, 43 — Lisboa**

*O melhor brinde  
que se pôde oferecer  
a uma senhora chic  
é uma confecção de  
peles compradas na  
CASA DA RUSSIA,  
que as vende feitas  
das mais ricas e pre-  
ciosas ás mais mo-  
destas, todas elegan-  
temente cortadas e  
artisticamente con-  
feccionadas.*

---

**CARTEIRAS,  
MALINHAS,  
ESTOJOS**  
e muitos mais objectos  
para brindes.

---

**PREÇOS DE FABRICANTES**

**CASA DA RUSSIA**

**PREDIO DOS ARCOS**

**TELEFONE 932**

**142, RUA AUGUSTA, 144**

**LISBOA**

